

ENTREVISTA REVISTA ENFIL ESPAÇO BARRICADA (CENTRO CULTURAL FERNANDO CALADO) ¹

Luiz Augusto de Oliveira Gomes²

Pequena biografia

O Barricada (Centro Cultural Fernando Calado) surge no segundo semestre de 2022 com o intuito de ser um bastião para as expressões culturais marginais dentro e fora da universidade. Com a proposta de integrar o espaço do DCE com a população e os artistas independentes locais, o Barricada vem produzindo atividades, exposições, shows e oficinas na cidade de Niterói. O espaço é organizado por Jean Oliveira e Mateus Ferrari.

Revista Em_fil: Para iniciar nossa entrevista, falem sobre a trajetória de vocês no campo da cultura?

Espaço Barricada:

Nossa trajetória se encontra a partir da criação da banda 'Onda Errada' e concomitantemente, o coletivo independente Guerrilha. Começamos a organizar eventos que valorizavam as subculturas do rock underground como o punk e o hard core, mas, ao mesmo tempo, aproximando a galera da cultura hip-hop, da produção independente de zine e outros. As primeiras cinco edições aconteceram no Cavernas³ e a 6ª edição já foi aqui no DCE, mas na época o espaço estava sobre outra direção.

¹ Artigo recebido em 21/07/2022. Aprovado em 07/08/2022. Publicado em 15/09/2022

² Doutorando em Educação pela Universidade Federal Fluminense. ORCID: 0000-0002-7319-0795 E-mail: luiz.augusto1201@gmail.com

³ Espaço de eventos localizado na praça do Gragoatá, Niterói

Na época da 6ª edição do Guerrilha, o prédio do DCE ainda era ocupado pelo movimento estudantil. Só ocupamos o espaço e criamos o Barricada dois anos depois.

Revista Em_fil: Pedimos que conte brevemente, sobre a percepção de vocês da situação atual da cultura no Brasil. Vocês perceberam alguma mudança no plano cultural a partir da chegada do governo Bolsonaro?

Espaço Barricada:

Uma situação impar o que está acontecendo na produção de cultura no Brasil. Na nossa, o ataque à cultura é até mais nocivo do que nos períodos turbulentos da ditadura empresarial-militar. A extrema direita avança na cultura e busca subjugar perseguindo as manifestações culturais oriundas da rua, das periferias, que é construída pela classe trabalhadora.

A gente vê cada vez menos recursos sendo destinados para a produção de cultura que nos represente. Como nós produzimos cultura a partir de um nicho, de uma subcultura que é marginal e é marginalizada, normalmente temos pouco acesso à recursos públicos como editais de fomento. Percebemos que a chegada de Bolsonaro ao poder essa realidade se intensificou. Ficou cada vez mais difícil participar de determinados espaços. Ficou explícito que Bolsonaro potencializou um levante conservador na sociedade que criminaliza o que é diferente, o que não está no padrão de consumo para o mercado, principalmente as subculturas de contestação que já eram marginalizadas antes, mas houve uma intensificação nos ataques.

Revista Em_fil: Com o advento da pandemia, uma das áreas mais afetadas foi a cultura. Como vocês conseguiram passar por esse momento?

Espaço Barricada:

O espaço Barricadas não passou pelo auge da pandemia. Temos poucos meses de existência. Mas como trabalhadores e consumidores de cultura foi bem difícil. Foi um dos setores mais afetados por parar e pela falta de amparo por parte do Estado. Acreditamos que o espaço Barricada é uma forma de retomar as atividades culturais na cidade. As pessoas já estão vacinadas o suficiente para participar dos espaços. Foram dois anos e meio muito delicados para nós que trabalhamos com cultura. Acreditamos que é necessário reagir e resistir e o

Barricada é a expressão disso. A produção da cultura seja em qualquer uma das suas manifestações deve e tem a obrigação de manifestar os processos de resistência e transgressão da sociedade. O Barricada, assim como todo o restante do DCE precisa dialogar não apenas com os estudantes da UFF, mas precisa traçar e travar um contato mais próximo com toda a população de Niterói.

Revista Em_fil: Como vocês veem a influência do mercado e seus paradigmas nos espaços públicos/privados de produção e manifestação cultural?

Espaço Barricada:

Isso é algo que a gente tenta romper aqui no Barricada. Muita gente se aproxima falando em aluguel ou concessão aqui do espaço para produzir evento. Essa galera que tem pouco a perspectiva do que é tocar um espaço coletivamente. Recentemente fizemos um evento com o coletivo Gravidade, que une a galera do Hip Hop de Niterói e São Gonçalo e foi muito maneiro. Foi maneiro por que a conversa passa bem longe da perspectiva mercadológica de consumidor. Construimos coletivamente o evento. Somos um centro cultural sem fins lucrativos. Todo dinheiro arrecadado no bar é utilizado para a manutenção do espaço. Por isso, abrimos poucas vezes durante a semana para não bater com as agendas de trabalho que cada um de nós tem. Tocamos esse espaço por acreditar que ele manifesta uma forma de militância que vai contra a lógica de mercado que transforma tudo em mercadoria. A partir de 2018, percebemos que os lugares que davam oportunidade para os artistas independentes estão sendo engolidos pela crise, deixando a galera sem espaços para se apresentar. Com o Barricada buscamos somar na luta para romper com esse ciclo de desgraça intensificada por Bolsonaro.

Revista Em_fil: Qual a importância de ocupar um espaço como o DCE UFF Fernando Santa Cruz? De que forma movimentar esse espaço pode contribuir na democratização da cultura?

Espaço Barricada:

Esse espaço foi e pode continuar sendo um bastião da resistência antifascista da cidade. Leva o nome de Fernando Santa Cruz, estudante símbolo da resistência contra a ditadura. É nosso dever dar continuidade ao legado de Santa Cruz. O DCE sempre foi caldeirão cultural onde podemos

debater ideias e nos organizamos para a luta coletiva. Aqui temos uma grande estrutura que poucos diretórios acadêmicos tem, mas foi abandonada pela reitoria da UFF e ficou entregue a ação natural do tempo. Chegamos para ocupar esse espaço também com a percepção de que não podemos deixar a memória dos que lutaram antes da gente se perder.

Revista Em_fil: Qual a importância dos espaços independentes, ou auto-organizados, como lugares de fortalecimento da cultura independente/subculturas?

Espaço Barricada:

As subculturas de resistência só existem a partir da perspectiva auto-organizada. Não temos uma instância que organizou para nós. A gente sempre precisou meter a mão na massa coletivamente, seja investindo do nosso próprio bolso, seja carregando caixas e montando estrutura. Se não fizermos por nós ninguém vai fazer. Podemos generalizar para todas as subculturas que são marginalizadas. Do hard core ao funk. Tudo aquilo que não pode ser absorvido pela grande mídia é fadada a penar para sobreviver. Acreditamos que o capital não se interessa em investir. A única forma desses artistas sobreviverem é pela auto-organização. É intrínseco a essas formas de manifestação cultural. Ou é feita nós por nós, ou não existe. É uma coisa de nicho. O underground existe em quanto houver resistência e auto-organização.

Revista Em_fil: Conte sobre o nome do espaço “Barricada - centro cultural Marginal - Fernando Calado”.

Fernando Calado foi ex-estudante da UFF do curso de história. Foi um companheiro nosso de graduação e militamos juntos por muito tempo no movimento anarquista. Fazia boas sínteses na conjuntura e sempre foi referência de intelectual-militante entre o nosso grupo de amigos. Infelizmente, Calado nos deixou. Sua trajetória e percepção sobre a realidade foi a inspiração para a criação do Barricada. Ele sempre carregou a ideia que é preciso primeiro olhar para a nossa casa, bairro, Faculdade, para nossa vida, ou seja, dar prioridade aos problemas que nos afetam imediatamente. Assim, ganharíamos força para continuar firmes nas outras lutas. É isso que a gente faz aqui no Barricada.

Revista Em_fil: Como é o funcionamento do espaço?

Espaço Barricada:

Funcionamos em parceria com outros coletivos e movimentos sociais que contribuem para a luta. Estamos sempre de portas abertas para os artistas locais que não conseguem espaço para expor sua arte. Nosso primeiro evento foi em parceria com o Guerrilha, coletivo antifascista que organiza eventos de punk e hard core em Niterói. Organizamos também um evento com o coletivo Zona Oeste Rude Boys, que discotecou música jamaicana dos anos 60, 70 e 80 e passou filmes jamaicanos da época. O último evento foi com o coletivo Gravidade, voltado para a cultura Hip Hop.

Revista Em_fil: Na opinião de vocês, qual pode ser a contribuição do espaço Barricada para o fortalecimento da cultura periférica de Niterói?

Estamos aí de portas abertas para receber coletivos e incentivar a produção cultural do município. Enquanto for possível, vamos estar por aqui, ocupando esse espaço de resistência e mantendo a memória dos que lutaram antes da gente para que os estudantes da UFF tenham um espaço de autonomia.